



Editorial

A revista *Mal-Estar e Sociedade* tem se caracterizado ao longo dos anos como um espaço para a divulgação científica mais diversa. A multiplicidade dos olhares sobre a sociedade sempre esteve no foco da linha editorial da revista. Nesse sentido, o choque entre propostas diversas como a análise kafkiana do humor em meio à ditadura em Moacyr Scliar, do saudoso professor Eduardo Manoel de Brito, que abre nossa primeira edição em 2008, e a avaliação pragmática sobre a qualidade de vida dos estudantes desenvolvida por Jean Marques de Souza, Roselne Santarosa de Sousa, Esther de Matos Ireno Marques, fechando nosso volume anterior, não representa um desfoque, mas o respeito ao conflito entre os diversos discursos que nos permitem ler a nossa realidade.

A qualidade de vida estudantil na massacrante realidade das cobranças por resultados, assim como a burla pelo humor na violenta realidade das ditaduras, representa um mesmo foco no *mal-estar* que se perpetua em meio ao ímpeto contemporâneo por uma falsa coesão da *sociedade*.

Nossa linha editorial original apresentava a revista assim: “Mal-Estar e Sociedade publica artigos, ensaios, resenhas, resumos de dissertações e teses, conferências e debates nas áreas sociais e de humanidades, em todos os seus segmentos”. A área de atuação da revista sempre considerou a variedade dos segmentos que envolvem as Humanidades e as Sociais. Por isso, foram recebidos e analisados trabalhos de diversos espectros da Filosofia, Sociologia, História, Antropologia, Ciências Políticas, Ciências da Religião, Análise do Discurso, Linguística, Teoria Literária, Literatura Comparada, Psicologia, Pedagogia, Educação, Ensino... Mesmo quando os artigos versavam sobre elementos das áreas de Exatas e Biológicas, tratou-se de analisar sua possível interlocução com o debate do contexto de *mal-estar na sociedade*. Nesse sentido, o exercício de escrever os editoriais da revista tornou-se uma das ações mais vívidas, frutos de debates coletivos, os editoriais deviam demonstrar a costura dessa diversidade focada em um tema que não podia ser tratado sem essa diversidade.

A linha seguia sua descrição em busca de uma delimitação que não cometesse um aborto prematuro do desejo ardente pelo diverso: “Primordialmente, pretende-se trabalhar com temáticas relacionadas à questão educacional, tendo como pilares o discurso e o conflito. O discurso, na condição de construção de subjetividades, e o conflito como elemento inerente às

relações sociais”. A educação se tornava um ponto de encontro prioritário, mas nunca exclusivo. Em todas as edições da revista, o tema da educação esteve presente de forma direta, mas não em todos os artigos. Por isso, revendo nosso foco, a Educação nunca deixará de estar presente, mas a prioridade deve ser tratada nesta diversidade de discursos e nos conflitos que advém dela. Ter um foco multifacetado não nos torna desfocados, mas nos caracteriza como aquilo que temos sido em todos estes anos.

A revista *Mal-Estar e Sociedade* tem como foco a publicação de produção científica Multidisciplinar sobre o contexto de mal-estar impregnado na sociedade contemporânea. A base dessa produção deve estar consciente da diversidade dos discursos e do conflito entre as propostas. A grande área dos saberes das Ciências Humanas e Sociais forma a base desse discurso, mas o conflito pode estar presente em diálogos com os outros saberes. Focada no mal-estar presente na sociedade, serão avaliadas as produções das mais diversas áreas, desde que coerentes com a proposta de auxiliar na análise, compreensão, avaliação, atuação, denúncia e confronto a esse contexto.

A multidisciplinaridade da revista tem feito ampliar nosso corpo de conselheiros e avaliadores, o que tem sido abraçado com grande respeito pela comunidade acadêmica. Mesmo passando por anos mais tortuosos, nos quais optamos por assumir a descontinuidade da revista, publicando apenas uma edição nos anos de 2020 e 2021, retomamos os trabalhos com novo vigor, expresso tanto pelas reformulações de Conselho, Foco e Escopo, como pela opção de lançarmos este número especial com artigos de egressos da graduação da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) que estão inseridos em diversos Programas de Pós-graduação. Esses egressos representam um resultado direto da formação multidisciplinar que fundamenta nossa revista e nossa atuação acadêmica.

No primeiro artigo, Ana Carolina Martins da Costa, mestranda em Filosofia pela UFMG, retoma a angustiante literatura de Franz Kafka, tema do primeiro artigo de nossa revista, para discutir os limites entre as possibilidades da escrita de um dos mais geniais autores do século passado e as impossibilidades que ele próprio assumia diante da literatura. **A literatura (im)possível de Franz Kafka** abre os discursos sobre o mal-estar na sociedade, tomando como objeto um conflituoso Kafka. Completamente diverso é o objeto de **Tiradentes/MG e o Racismo Ambiental**: Negação da Cidadania, pela mestra em Educação pela UFLA, Rebeca Freitas Ivanicska em coautoria com Celso Vallin, contudo, trata-se de uma diversidade que demonstra o próprio foco da revista. De todas as angustias de Kafka, o meio ambiente não era a mais acentuada, mas não se pode negar que esse é um dos mais importantes temas do atual século. Quando os autores questionam a deficiência na formação dos

profissionais de educação para lidar com esse problema, abre espaço para a detecção de algo que não fazia parte das problemáticas do centenário Kafka, mas que não pode continuar a não ser problematizado. Faz parte do mal-estar da sociedade o não se resolver adequadamente com o entorno em que se vive, o que não pode ser pensado como uma temática apenas ambiental, ela é, sobretudo, social.

Os discursos dos dois primeiros artigos apresentam o mal-estar. O primeiro nos deixando na angustia kafkiana, o segundo abrindo espaço para uma formação docente que contemple uma atuação prática. Essa atuação docente segue sendo o tema de: **Jogos, Brincadeiras e Educação**: Novos sentidos e significados para a atuação do docente dos anos iniciais, da também mestre em Educação pela UFLA, Agatha Eleuterio Paulo. Nele a autora problematiza a apropriação da essência do brincar como uma atividade fundamental para que o lúdico seja, efetivamente, um elemento de formação. Entre o discurso sobre o uso do lúdico na educação, e a prática de brincadeiras como mero passatempo, existe um conflito fundamental que não consegue ser transpassado, a não ser que seja revisado o próprio mal-estar da sociedade, o qual define o que não gera uma produção formal como desnecessário. O lúdico é o espaço deste desnecessário que rompe com a obrigação de que tudo seja “útil”, e com a definição de que devemos viver o mal-estar da utilidade.

O mestrando pela UFLA, Gilmar de Paiva Reis, e a pedagoga pela UEMG, Thamires Maria de Paiva Reis, iniciam o resumo de seu discurso sobre o mal-estar na educação com a constatação de que “a escola já não é mais interessante para o aluno”. Poderíamos dizer que o lúdico mal aplicado à educação distancia a vida prática dos discentes de suas atividades educacionais, da mesma forma que os autores agora indicam que as metodologias arcaicas fazem. A proposta do artigo: **Metodologias Ativas**: Recurso de Aprendizagem Significativa, é que os novos tempos exigem novas metodologias. Não se pode continuar ensinando das mesmas formas gerações que são diversas entre si. A prisão aos resultados impede que se compreenda que o enfrentamento ao mal-estar passa pela adaptação do meio. As metodologias ativas são apresentadas como um caminho para confrontar o mal-estar dos discentes no processo diário, assim como o lúdico representa uma opção na ruptura.

Em: **Juventude e Teatro na escola**: entre autonomia e dependência, a mestranda em Ciências Sociais pela UFJF, Lara Bortolusci Leporate e Fabricio Roberto Costa Oliveira a partir de uma metodologia de observações de campo, analisa a importância de um grupo de teatro na formação dos discentes. O mal-estar aqui está presente no conflito com os discursos teórico-práticos dos artigos anteriores e a análise de campo da recepção destas temáticas contemporâneas, ludicidades e metodologias ativas, na prática educacional. Os conflitos entre

o velho e o novo são denunciados na tensão entre a autonomia e a dependência, assim como entre a liberdade do lúdico e as prisões das avaliações, as metodologias que tornam o aluno protagonista e a objetividade das questões de múltipla escolha, as temáticas que atendem ao anseio das juventudes e o capital cultural dos gestores das escolas.

Ampliando o foco, mas mantendo a perspectiva do mal-estar, o mestrando em Ciências Sociais pela UFJF, Edson Lugatti Silva Bissati e Caio César Nogueira Martins analisa o contexto de mal-estar no ambiente político brasileiro em: **O protagonismo político das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais no Brasil:** a bancada evangélica no Congresso Federal. O mesmo mal-estar presente no contexto educacional, que não se preparou para lidar com as questões ambientais, utiliza o lúdico como passatempo, se prende a metodologias que tratam o aluno como um passivo acumulador de conhecimentos, está presente nos comentários políticos que desprezaram a história dos pentecostais e neopentecostais em sua escalada política e se assustaram com a onda conservadora dos últimos processos eleitorais. A compreensão destas bancadas não se limita a um estudo sobre religiões ou política, trata-se de algo fundamental para compreender a nossa realidade atual, e o mal-estar que ela nos causa.

Finalizando a edição contamos ainda com a resenha: **Barbacena. Fundada pelos Bandeirantes Paulistas. Berço de Grandes Vultos. Cidade de Poentes de Atordoantes Belezas., Conceição, Garden. Turismo, Série Avião, N°1, 1940**, por Rosária Aparecida Dias Eugênio Resende. Uma descrição histórica que merece ter sido resgatada. Se Kafka descrevia a sua Praga como “uma mãezinha com garras”, nada como compreender melhor o espaço desde onde estamos publicando estes provocativos conflitos de discursos.

Mauro Baptista